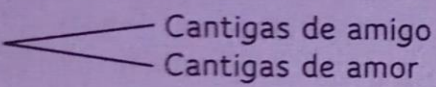
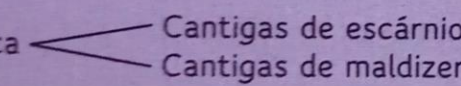


TROVADORISMO 1189(98?)1434

ERA MEDIEVAL			ERA CLÁSSICA
	PRIMEIRA ÉPOCA (SÉCULOS XII A XIV)	SEGUNDA ÉPOCA (SÉCULO XV E INÍCIO DO XVI)	SÉCULO XVI
Poesia	Trovadorismo		
	Lírica  <ul style="list-style-type: none"> Cantigas de amigo Cantigas de amor 	Poesia palaciana <i>Cancioneiro Geral</i> , de Garcia de Resende	Lírica: Luís de Camões Épica: <i>Os lusíadas</i> , de Luís de Camões
	Satírica  <ul style="list-style-type: none"> Cantigas de escárnio Cantigas de maldizer 		
Prosa	Novelas de cavalaria Hagiografias Cronicões Nobiliários	Crônicas de Fernão Lopes	Novela sentimental: Bernardim Ribeiro, com <i>Menina e moça</i> Novelas de cavalaria: João de Barros Crônica histórica: João de Barros Crônica de viagem: Fernão Mendes Pinto, com <i>Peregrinação</i>
Teatro	Mistérios Milagres Moralidades Autos Sotties	O teatro leigo de Gil Vicente	Antônio Ferreira: <i>A Castro</i> (a primeira peça de influência clássica no teatro português)

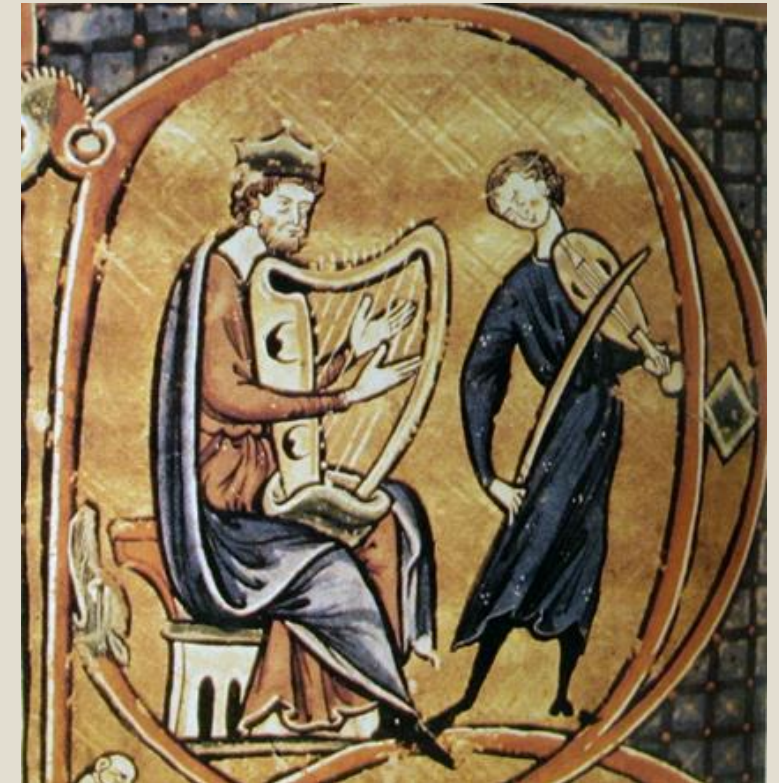
1189(98?)-1434: TROVADORISMO

Características:

- **Língua:** português arcaico (galaico-português + castelhano);
- **Relevância:** origem da literatura portuguesa;

Trovadorismo vem de trovador

- **Marco:** *A ribeirinha* ou *Cantiga da Guarvaia* (1189 ou 1198), de Paio Soares de Taveirós;
- **Essência:** extrema musicalidade;
- **Artistas:** segrel (autor/declamador), menestrel (músico) e jogral (bobo-da-Corte);
- **Tipos:** Cantigas de amor; Cantigas de amigo; Cantigas de maldizer e Cantigas de escárnio, compiladas nos **CANCIONEIROS** > **CANCIONEIRO DA AJUDA**.



1. Gênero lírico

a. Cantigas de amor

- Dois temas básicos: o eu-lírico (**MASCULINO**) confessa o seu amor à sua dama (*fremosa senhor, mia senhor*) ou lamenta o desprezo da amada (**COITA** amorosa);
- Amor marcado pela **IDEALIZAÇÃO AMOROSA** e a relação de **VASSALAGEM** do sujeito lírico;
- Diferença social entre o par: **AMBIENTE PALACIANO** com suas regras de conduta (**AMOR CORTÊS**, decoroso e subserviente);
- Influência da poesia provençal, conferindo razoável sofisticação formal às composições.

Exemplo:

**“Quant’á, senhor, que m’eu de vós parti
Atan muyt’á que nunca vi prazer,
Nen pesar, e quero-vos eu dizer
Como prazer, nem pesar non er vi:
Perdi o sem e non poss’estremar
O bem do mal, nem prazer do pesar.**

**E des que m’eu, senhor, per boa fé,
De vós parti, creed’agora ben
Que non vi prazer, nem pesar de ren
E aqesto direy-vos por que é:
Perdi o sem e non poss’estremar
O bem do mal, nem prazer do pesar.**

Adaptação:

Senhora, desde o dia em que parti
Não tive um só momento de prazer
Ou de pesar, e quero-vos dizer
Por que em tal estado então me vi:
Louco de amor não sei diferencar
O bem do mal, o prazer do pesar.

E desde que, minha senhora,
Por minha fé, deixai-me repetir
Nem prazer, nem pesar pude sentir,
E vos direi qual o motivo agora:
Louco de amor não sei diferencar
O bem do mal, o prazer do pesar.

**Ca, mya senhor, bem des aquela vez
Que m'eu de vós parti, no coraçon
Nunca ar ouv'eu pesar des enton,
Nem prazer, e direy-vos que my-o fez:
Perdi o sem e non poss'estremar
O bem do mal, nem prazer do pesar.”**

Porque, senhora minha, desde então,
Desde o momento triste da partida,
Eu não sinto em minh'alma dolorida,
Nem pesar, nem prazer, eis a razão:
Louco de amor não sei diferencar
O bem do mal, o prazer do pesar.

b. Cantigas de amigo

- Um eu-lírico **FEMININO** que sofre pelo abandono de seu “amigo”;
- Confissão da perda amorosa;
- Ambiguidade, **EROTISMO** latente;
- **AMBIENTE BUCÓLICO OU MARÍTIMO**;
- Classificação: barcarolas, albas, romarias etc.;
- Simplicidade de visão de mundo do eu poético e da própria forma/estrutura da composição;
- Presença recorrente de **PARALELISMO** e de **REFRÃO**.

Exemplo:

“Ai ondas que eu vin veer
Se me saberdes dizer
Por que tarda meu amigo
Sem mi!

Ai ondas que eu vin mirar,
Se me saberdes contar
Porque tarda meu amigo
Sem mi!”

→ ESTRUTURA PARALELÍSTICA

2. Gênero satírico

- A sátira pura e simples, isto é, sem preocupação filosófica, ética, moral ou histórica);
- Criticam os costumes da corte e os demais jograis.

c. Cantigas de escárnio

- **NÃO** costumam apresentar o alvo (nome) da crítica;
- **CENSURA INDIRETA**, **ambígua**, irônica e sarcástica.

Exemplo:

**“Ai, *dona fea*, foste-vos queixar
que vos nunca louvo em meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!...”**

d. Cantigas de maldizer

- São mais ofensivas do que as de escárnio, muitas vezes **NOMEANDO** o alvo da crítica e com a presença de palavrões.

Exemplo:

“**Maria Mateu**, daqui vou desertar.
De **cona** não achar o mal me vem.
Aquele que a tem não ma quer dar
E alguém que ma daria não a tem.
Maria Mateu, Maria Mateu,
Tão desejosa sois de cona como eu!”

Quantas conas foi Deus desperdiçar
Quando aqui abundou quem as não quer!
E a outros, fê-las muito desejar:
A mim e a ti, ainda que mulher.
Maria Mateu, Maria Mateu
Tão desejosa sois de cona como eu!”

(Afonso Eanes de Coton)